

Alguém gravou no carneiro
Do velho Joaquim Lobão:
— Ensinava abstinência,
Morreu numa indigestão.

Da lousa do mestre Armando,
Há muito tempo esquecido:
— Este viveu ensinando
Sem nunca ter aprendido.

Lalau liquidou Quinquim
Com veneno no mingau,
Mas hoje Quinquim é o neto
Que vai herdar de Lalau.

Quem mata o tempo na vida,
Por muito que se conforte,
Acaba enterrado em vida
Muito tempo antes da morte.

A MORTE DE NHÂ MINA

Nhâ Mina morre aos poucos, num palheiro!...
Lembra a orquestra do Mestre Carmelinho...
Quando moça, rasgava o cavaquinho
Nas noites de alegria no terreiro.

Sòzinha lembra... A flauta de Antoninho,
A sanfona de Juca Funileiro,
Depois... o mundaréu triste e inzoneiro,
Os maus-tratos e as mágoas do caminho...

Larga o corpo... Ouve acordes na janela,
A orquestra antiga toca junto dela,
Juca, Antoninho, Rita, Zico Prata...

A lua brilha... A noite é uma beleza!...
Nhâ Mina sai... Parece uma princesa
Que vai casar no céu com serenata.

Na cova de jasmineiro
Do avarento Calatrava:
— Morreu como carcereiro
Da fortuna que guardava.

Li no túmulo de Ormindo:
— Foi cristão dos mais fiéis,
Ganhou duzentos mil contos,
Deu mil e quinhentos réis.

Qualquer defeito é mal grande,
Nenhum deles é pequeno.
Escorpião miudinho
Tem a morte no veneno.

Maricotinha enjeitou
Dez filhos de porta em porta;
Hoje, ela quer reencarnar,
Quando nasce, nasce morta.

NA MESMA MOEDA

O coronel Tutuca Sapecado,
A cada petitório de mendigo,
Falava: — “Deus é grande, meu amigo!”
Mas não dava um vintém de mel coado.

Se um doente gemendo afadigado
Vinha pedir perdão de juro antigo,
Louvava: — “Deus é grande! Deus consigo!”
E recebia o cobre assossegado.

Quando morreu ficou na caixa-forte
E gritava mudado pela morte:
— “Quero o auxílio do Céu! Que Deus me mande!”

Mas trancado no escuro, em agonia,
Só escutava alguém que lhe dizia:
— “Fique firme, Tutuca, Deus é grande!”